

Ensino de história e as memórias da/ na cidade: memória e patrimônio na Educação Básica

Historia de la enseñanza y memorias de / en la ciudad: memoria y patrimonio en la Educación Básica

Teaching history and memories of / in the city: memory and heritage in basic education

Kênya Jessyca Martins de Paiva¹

Resumo

Já é sabido que a Consciência Histórica das pessoas não é baseada apenas nos aprendizados do conteúdo do componente de História na escola. Mas, então, como a cidade pode nos educar? Como definir o que é ou não patrimônio? Quais são os sentidos, para além da importância material, que as pessoas dão para os espaços de memória de um local? Essas são algumas das perguntas que serão discutidas neste texto. Como proposta pedagógica para ensinar a História de Jaguarão, há a organização de uma exposição “Memórias em Jaguarão: O passado no presente”, na qual a população participou enviando fotografias e relatos através das redes sociais. A sugestão é uma, dentre várias, possibilidade de recurso didático a partir dessa exposição, que pode ser trabalhada junto a turmas de 5º anos e serve como instrumento para construção de uma prática pedagógica para aproximar a experiência das pessoas e da cultura local com a vida das e dos estudantes.

Palavras-chave: Consciência histórica; História local; Jaguarão; Memória; Patrimônio cultural.

Resumen

Es bien sabido que la Conciencia Histórica de las personas no se construye únicamente en aprender el contenido del componente Historia en la escuela. Pero entonces, ¿cómo puede educarnos la ciudad? ¿Cómo definir qué es o no es patrimonio? ¿Cuáles son los sentidos, además de la importancia material, que las personas otorgan a los espacios de memoria de un lugar? Estas son algunas de las preguntas que se discutirán en este texto. Como propuesta pedagógica para enseñar la historia de Jaguarão, se organiza una exposición “Memorias en Jaguarão: el pasado en el presente”, en que la población participó enviando fotografías e recuerdos por las redes sociales. La sugerencia es una, entre muchas, posibilidad de obtener recursos didácticos de esta exposición, que se puede trabajar con clases de quinto grado y sirve como un instrumento para construir una práctica pedagógica para acercar la experiencia de las personas y la cultura local con la vida de las e los Estudiantes.

Palabras clave: Conciencia histórica; Historia local; Jaguarão; Memoria; Patrimonio cultural.

¹ Licenciada em História; Universidade Federal do Pampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil;
kenya.paiva@hotmail.com.

Abstract

It is already known that the Historical Consciousness of people is not based only on the learning of the content of the History component at school. But then, how can the city educate us? How to define what is or not heritage? What are the meanings, besides the material importance, that people give to the memory spaces of a place? These are some of the questions that will be discussed in this text. As a pedagogical proposal to teach the History of Jaguarão, there is the organization of an exhibition “Memories in Jaguarão: The past in the present”, in which the population participated by sending photographs and reports through social networks. The suggestion is one, among several, of the possibility of a didactic resource based on this exhibition, which can be worked with classes of 5th years and serves as an instrument for building a pedagogical practice to bring the experience of people and the local culture closer to life. and students.

Keywords: Cultural heritage; Historical consciousness; Local history; Jaguarão; memory.

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2019, a cidade estava alvoroçada. Chegavam, pela primeira vez, em Jaguarão, renomados artistas globais. Vieram com o objetivo de gravar cenas em lugares estratégicos, tais como as ruínas da antiga Enfermaria Militar, patrimônio público reconhecido pela população e que foi beneficiada com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas, atualmente, se encontra em processo de construção – embora as obras estejam paradas –, do futuro Centro de Interpretação do Pampa (CIP)³. O fato de a Enfermaria ter sido escolhida para fazer parte de uma das primeiras cenas daquela que, mais tarde seria a novela das 20 horas, gerou grande euforia e orgulho nos jaguarenses, haja vista a quantidade de postagens nas redes sociais e o murmurinho que dava assunto para as pessoas conversarem em todos os espaços possíveis: escola, bar, trabalho, universidade, praças, etc. Por quase dois meses, o assunto principal, inclusive nos jornais, era este. Para além da discussão que é possível fazer a respeito do sentimento das pessoas em relação a algo tão atípico para a vivência de uma jaguarense comum, cabe aqui destacar as questões interessantes para pensar em História/ Ensino que envolvem tal acontecimento.

Durante a estadia de artistas, tais como Fernanda Montenegro, Juliana Paes e Marcos Palmeiras, pude perceber o pensamento de muitas pessoas em relação à cidade. Pensar nela como um lugar em que há relevantes aspectos históricos que levaram ao interesse de uma rede televisiva têm por si um fator instigante. Isso pode ter ajudado a dar um “clique” na mente das pessoas, sobretudo, porque a equipe buscou conhecer Jaguarão, muitos a partir dos hotéis em que estavam alojados e academias que se vincularam durante os dias em que aqui estiveram. As perguntas que podemos fazer são: Será que as/os habitantes da cidade

³ Museu em que se contará, através de diversos formatos, a História do bioma pampa. Mais informações: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11035/VILLAS%20BOAS%2c%20ALEXANDRE%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 nov. 2019.

souberam dar informações sobre a história do lugar em que vivem? Quais terão sido os pontos turísticos que indicaram para aquelas pessoas que nunca pisaram antes aqui? As pessoas que aqui moram, conhecem e sabem contar a história, pelo menos, da Enfermaria? Quais são as sensações que Jaguarão desperta nos *de fora* e nos habitantes? São perguntas que não terão uma resposta imediata, mas elas fornecem potenciais pistas para entender a importância do Ensino de História, principalmente a História que compõe o lugar em que vivemos.

Em 23 de novembro, Jaguarão comemorou mais um *cumple años*, nesta que é a data de sua oficialização enquanto município. Com aproximadamente 28.230 habitantes, de acordo com o IBGE (2016), é uma das cidades mais antigas do Estado, localiza-se no interior, ao sul do Rio Grande do Sul e faz fronteira com Rio Branco (Uruguai), sendo ambos os países divididos e unidos por um rio. Jaguarão para as/os *de fora* é famosa pela beleza das suas portas e pela quantidade preservada de casarões antigos e monumentos arquitetônicos, já para os *de casa* é também conhecida pelas inúmeras lendas que compõem o imaginário do seu povo. Além disso, as manifestações culturais como o Carnaval, a festa de Iemanjá, os rodeios, a capoeira, a *motofest* e as personagens locais (Negro do rastilho, Tereza das galinhas, Louco da boneca, e tantos outros), mesmo pouco evidenciadas pela história *oficial* da cidade, uma vez que são manifestações efêmeras e transmitidas pela oralidade, fazem parte da identidade e da memória de suas/seus habitantes.

Ao falarmos em patrimônio, a primeira representação que normalmente vem à mente de muitas pessoas são as edificações antigas e suntuosas, isto é, o debate sobre a amplitude da concepção do que significa patrimônio(s) têm um vasto caminho a percorrer até chegar a toda sociedade. E essa amplitude está aí para que possamos reconhecer patrimônio como manifestações que são vividas, sentidas e experimentadas de acordo com os variados grupos sociais e o tempo/ espaço em que ocorrem. A reflexão sobre os patrimônios da cidade tem muitas utilidades na Educação Básica, entre elas ajudar a “reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural e reconhecer também que não existem culturas superiores a outras” (GRINBERG, 2007, p. 4).

Fernando Cerri (2001), tal como Freire, nos aproxima de uma noção muito importante para quem trabalha com educação: professoras e professores não são detentores de todo conhecimento, História(s) não é construída tão somente nos bancos escolares, muito pelo contrário, tudo em absoluto pode ter potencial para nos educar em História. As ruas, as praças, os clubes, as igrejas, os cursos, os objetos, as histórias, as pessoas e suas as memórias,

redes sociais e até mesmo a televisão, tudo isso deve ser considerado para ampliar o entendimento de como se constrói e se acomoda a Consciência Histórica na população.

Entretanto, o foco deste trabalho não é a televisão, nem os artistas que aqui passaram, também não é especificamente sobre as ruínas da Enfermaria Militar, mas é, refletir sobre a ação das pessoas na História local a partir da elaboração de uma relação com o passado. Como as pessoas se percebem como produtoras de História? Quais são os instrumentos necessários para que se estabeleça uma conexão entre o passado, o presente e o futuro? Como a cidade pode nos educar? Ou como a educação pode nos auxiliar a conhecer o local em que vivemos? Como definir o que é ou não patrimônio? Quais são os sentidos, para além da importância material, que as pessoas dão para os espaços de memória de um local? Essas são algumas das perguntas que serão discutidas nesse texto.

É percebendo a cidade como um espaço de natural potencial educativo e com a intenção de refletir, timidamente, sobre algumas dessas questões, foi que buscamos como proposta pedagógica para ensinar aspectos que compõe a História de Jaguarão a organização de uma exposição “Memórias em Jaguarão: O passado no presente”, na qual, a população participou enviando fotografias e relatos através das redes sociais *Facebook* e *Whatsapp*. A exposição será trabalhada junto ao 5º ano de uma escola estadual do Município de Jaguarão, as crianças serão convidadas a levar seus objetos biográficos, como forma de experimentar, contar um pouco de suas histórias através de relações e significados advindos das memórias inseridas nesses objetos.

Neste trabalho, trago uma possibilidade de uso da exposição para turmas de 5º anos, mas a atividade pode ser realizada junto a todo o Ensino Fundamental e Médio, e serve como instrumento para construção de uma prática pedagógica para aproximar as experiências da cidade e da cultura local com a vida das e dos estudantes.

1 A NOVA HISTÓRIA E AS TRANSFORMAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA

Annales foi uma revista fundada na França, em 1929, idealizada por Lucien Febvre e Marc Bloch, dois pesquisadores que se encontravam insatisfeitos com a História Política e Militar focada em relações de poder entre grandes nações e seus respectivos *heróis*. De tal modo, os dois encabeçaram o movimento que tinha como missão devolver às pessoas, não só as pertencentes da elite como comumente se fazia, a possibilidade de ser “produto” e produtoras de História. A historiografia até então não se preocupava com as estruturas, e sim com fatos e datas marcadas por grandes episódios, utilizando somente fontes advindas de

documentos de instituições oficiais, fato que reduzia a história a um emaranhado de eventos, cuja narrativa se alimentava basicamente pelo anseio de uma verdade única. O contexto da 2ª Guerra Mundial auxiliou na emergência de diversas discussões historiográficas, nas quais as experiências do contemporâneo passaram a estar entre os interesses de pesquisadores.

Por qual motivo se coloca o presente como foco? Friedrich Nietzsche (1976, p. 102) nos chama atenção para o valor da História. De acordo com ele, “serviremos a história só na medida em que ela serve a vida”, isto é, nós precisamos de História para a vida e para as ações do dia a dia. Para o autor citado, toda e qualquer sociedade deveria possuir um adequado conhecimento do seu passado e como ele se representa, mas, para isso, seria imprescindível aos indivíduos saberem esquecer o que é supérfluo e saber guardar o que lhe fará falta. Quer dizer que “o sentido histórico e a sua negação são igualmente necessários à saúde de um indivíduo, de uma nação e de uma civilização” (NIETZSCHE, 1976, p. 109).

Pierre Lagrou (2009, p. 4) aponta que a “História do tempo presente” iniciou-se na França, no final dos anos 1970, com o intuito de repensar questões da historiografia até então vigente. A intelectualidade não considerava fatos recentes como interessantes para a História, deslegitimando sua importância para a produção de abordagens. Nesse sentido, Reinhart Koselleck (2014, p. 229) propõe uma reflexão acerca da seguinte questão: “por que tal coisa é considerada como pertencente à história atual e outra coisa não?” O autor não vê essa pergunta como algo simples para responder, visto que as três dimensões temporais terminam na presencialidade, todo tempo é um “tempo presente num sentido específico. Pois o futuro ainda não é, e o passado já não é mais” (2014, p. 231). Em outras palavras, todas as histórias são histórias do tempo e estão sendo pensadas no presente da pessoa que a produz. Essa nova noção de temporalidade passou a necessitar de narrativas que estivessem alinhadas com as subjetividades inerentes aos seres humanos, significando uma quebra com a objetividade até então exigida e ostentada como única forma de fazer História.

As contribuições da *Nova História* permitiram o debate das narrativas históricas de outros personagens, antes silenciados, ou seja, deslegitimados pela historiografia oficial, entre elas a História do povo negro, das mulheres, dos povos originários, dos grupos pobres, das pessoas deficientes, etc. É a partir dessa percepção que o saber popular se tornou peça chave para incluir aquelas e aqueles que outrora estavam distantes da História *oficial*. Com as mudanças do entendimento do que é e para que serve a História, muda-se também a prática relacionado ao ensino da mesma.

É no seio das transformações que vieram a partir do surgimento dessas correntes historiográficas que nascem novos conceitos como o de História Local, que, basicamente, é

pesquisar as ações, transformações e experiências das pessoas na sua esfera de atuação mais próxima: sua cidade/ bairro. As pessoas comuns passam a ser sujeitos interessantes para a História e isso auxilia na introdução de um ensino com foco no local também.

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico com proposições que podem ser articuladas com os interesses do aluno, suas aproximações cognitivas, suas experiências culturais e com a possibilidade de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana. Como estratégia de aprendizagem, a história local pode garantir melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão interligados no conjunto do conhecimento (VAZQUEZ, 1994 apud SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 139).

Em meio a essa valorização do ensino com enfoque nas experiências das pessoas dentro de seus espaços de vivência coletiva, se dá, no Brasil, maior atenção às lutas dos movimentos negros e dos povos originários por currículos que incluam a História e a Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena. Apesar de sua extrema relevância para a formação, consolidação e construção da História do país, por décadas, não estava ocupando o devido lugar nos currículos e foi somente em 2003 que a sociedade conquista, finalmente, a obrigatoriedade da inserção no ensino escolar da cultura afrobrasileira e indígena, bem como a instituição do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é então alterada pela Lei 10.639/ 2003.

A História local hoje também é parte do currículo das escolas, sob a justificativa de afirmação de identidade, de reconhecimento da cultura que compõe a história da cidade em que vivem, busca de percepção sobre continuidades e permanências da vida social, política, econômica e laboral, tudo para com o objetivo de potencializar a Consciência Histórica nas e nos discentes.

2 ENSINO DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Em o *Os filhos dos dias*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (2012) diz: “os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”. Se a História é a ciência que estuda as pessoas no tempo, não é possível imaginar História sem pessoas e nem pessoas sem História. Mas o processo de aprender e ensinar História ainda é permeado por alguns vícios que permanecem no cenário do ensino.

A doutora em História Social pela USP Elza Nadai já apontava, em 1993, para a crise historicista que o Ensino de História vivia. Para ela, era “resultante de descompassos

existentes entre as múltiplas e diferenciadas demandas sociais e a incapacidade da instituição escolar em atendê-las ou responder afirmadamente, de maneira coerente, a elas” (NADAI, 1993, p. 144). A autora destaca que essa crise nasceu em consonância com a ampliação das noções de fazer, produzir e escrever História, modificando toda a estrutura que até então caracterizava por um modelo tradicional. Isso “obrigou os profissionais a questionar criticamente os alicerces, os pressupostos teórico-metodológicos da ciência e do ensino, obrigando-os a propor experiências múltiplas, procurando superar o tradicional modelo” (NADAI, 1993, p. 144).

Acompanhando as novidades da historiografia, ao longo dos anos, o Ensino de História, no Brasil e em vários outros países, passou por diversos processos. Dentre eles, podemos citar o tradicional caráter legitimador de heróis e conquistas advindas de elites, supervalorizando a história branca, ocidental e cristã. Nessa História criada e contada pelos *de cima*, caracterizada pelo eurocentrismo, linearidade e alinhavada cronologicamente, nem todas as pessoas possuíam o aval para serem sujeitos históricos, além do mais, tudo que por ela passasse deveria vestir a roupagem da verdade única e inquestionável. Assim se fez o saber Histórico ou talvez, em determinados espaços, ainda se faça. Mas a intenção do momento é que as pessoas se enxerguem parte do todo, percebam suas especificidades e a importância que possuem na composição da História. É também devolver aos estudantes a capacidade de atuação e a autonomia para que não sejam meros receptores de conhecimentos prontos, e sim sejam parte integrante e partícipe de todo processo.

O Ensino de História perpassa, desde sua origem, por intenções de construção de identidades nacionalistas, para formatar – literalmente – cidadãos disciplinados e doutrinados pela visão linear e fatídica da história. No artigo “Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática”, Luis Fernando Cerri (2001, p. 264) aborda a ligação da História com o desejo de construção e manutenção de uma identidade nacional. Sendo assim, todo conteúdo ensinado no Brasil parte de um produto que ele chama de liberal e iluminista, tal como alguns países europeus, e aí se configura como uma das características que permanece no presente, orientando o ensino escolar da História.

Na contemporaneidade, já possui outro caráter. Agora se percebe pelo viés de integralização das diferentes formas para construção da Consciência Histórica. Mas o que seria essa tal Consciência Histórica? Seria algo específico de alguns poucos seres humanos, dos mais letrados, talvez? Seria algo que se constitui a partir do acesso ao conhecimento histórico ensinado nas escolas? Uma espécie de noção incorporada pelas pessoas de forma unilateral e sem intenção objetiva por trás? Ou seria uma forma de pensar o tempo e espaço

própria de cada humano em seu ser e estar coletivamente no mundo? Esta última ideia se aproxima mais da definição pensada por teóricos, como o alemão Jörn Rüsen (2001).

Discutir História é também compreender que ela é o estudo do passado no presente. Isso quer dizer, mesmo que de nós se espere resultados objetivos, isso não será possível, porque as análises e formas de construção do conhecimento também se modificam no tempo. Nesse sentido, sabe-se que os usos da História foram variados, de acordo com os objetivos que determinada sociedade pretendia. Por isso, a História já legitimou diversos crimes horrendos contra a humanidade tais como Ditadura, Escravidão, Nazismo, Genocídio Ameríndio, Autoritarismos, etc. Por outro lado, ela também já foi e continua sendo justificativa para legitimar importantes lutas por direitos sociais para as mulheres, para o povo negro, para o povo indígena e demais grupos marginalizados.

A Consciência Histórica, como nos informa Cerri (2001), é algo nato do ser humano, isto é, está intrínseca a vida prática das pessoas e, portanto, não é algo criado a partir dos bancos escolares, nem algo específico de determinado grupo social. Desde pequenos, todas as pessoas aprendem a construir essa consciência a partir de fatos e vivências do cotidiano, desde as questões ligadas a nós, a nossa família até as histórias que permeiam o ambiente fora de casa, como o bairro, a cidade, o país.

O processo de aquisição de Consciência Histórica está além da escola, pois dentro dele há as diversas outras formas que contribuem como as mídias que ajudam a consolidar pensamentos e formar opiniões coletivamente. Evidentemente, não quer dizer que o ambiente escolar também não tenha seu papel dentro desse processo. Somos nós que trabalhamos diretamente com esse conteúdo, que temos como função orientá-los para melhor organizarem essa consciência. Entretanto, Cerri (2001) também chama atenção para a necessidade de perpetuação de ideias do Estado através dos usos da História, frente às novas perspectivas que poderiam auxiliar o povo a pensar de outras formas. Logo, essa faz parte das dificuldades, digamos intencionais, que sofremos na produção de conhecimento histórico nas instituições de ensino.

É uma tarefa desafiadora, pois, de um lado, temos dentro de uma sala de aula inúmeros jovens com vivências e aprendizados diversos e que irão compreender as coisas de acordo com suas trajetórias, e, por outro, temos, uma ciência que lida com o tempo e portanto não tem como ser estática, está sempre em constante movimento. E, por conseguinte, é fruto de disputa por diferentes grupos sociais e por diferentes justificativas e, claro, diante disso, também há como desafio a dificuldade que se tem em difundir o conhecimento gerado nas universidades, com pesquisas mais avançadas, para as escolas de Educação Básica.

Esse desafio tem sido repensado a partir da própria compreensão do conceito de Consciência Histórica, que agora retira o papel dominante da História escolar como única detentora de criação dessa consciência e parte para a aglutinação de outros saberes históricos que não somente conteúdo de sala de aula. Neste momento, abre-se a chance para o ensino-aprendizagem, considerando que “[...] a história é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal” (BLOCH, 2001, p. 128), logo se inclui os conhecimentos que circulam em outros locais que fazem parte das “variedades humanas”, tais como igrejas, família, mídias, redes sociais e etc.

Para o alemão Rüsen (2001), a Consciência Histórica tem a ver com o cotidiano e com a própria existência no mundo e, assim, acredita que essa consciência tem como fator principal auxiliar as pessoas na vida prática, para que elas reflitam sobre o passado para implicar em sabedoria que, posteriormente, será aplicada no presente, isto é, o futuro depende dessa referência com o passado e o presente. A História tem que ter a sua utilidade no mundo prático. Por isso, Cerri (2001) nos traz à tona o poder do passado – que se modifica de acordo com o uso que precisamos dar a ele – frente ao presente. Portanto, para auxiliar na vida real das pessoas, o Ensino de História precisa parar de ser interpretado e narrado através de dicotomias, e passar a buscar seu fortalecimento consolidando uma Didática da História que considere as experiências das pessoas e as utilize como contribuição para a formação de jovens pensadores e agentes de mudanças sociais.

Quando se trata dos instrumentos pedagógicos que podem ser usados para dar sentido à História local, um deles pode ser o uso dos patrimônios como referência educativa. O patrimônio é um componente histórico repleto de potencial para estimular o conhecimento através da memória, da criatividade, da curiosidade e do pensamento crítico e reflexivo. No *Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial*, Evelina Grunberg (2007) explica o que pode ser considerado como Patrimônio Cultural:

São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança. Patrimônio Cultural não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos, etc. (GRUMBERG. 2007, p. 4).

Como vimos, é um conceito que abrange uma infinidade de possibilidades, tal como é a própria experiência humana: um emaranhado de subjetividades. Neste manual, a escritora também compartilha atividades práticas de utilização dos patrimônios como fonte de aprendizado e reconhecimento de saberes e fazeres das sociedades que compõem nossa História. Em meio a essa discussão, é preciso falar também sobre Memória, já que ela está em tudo que fazemos. David Lowenthal, em *Como Conhecemos o Passado*, chama atenção para o quanto despercebido é a conexão do passado em nossa experiência do presente. “As facetas do passado, que perduram em nossos gestos e palavras bem como em regras e artefatos, surgem para nós como passado somente quando as reconhecemos como tais” (LOWENTHAL, 1998, p. 64).

No texto supracitado, Lowenthal questiona sobre como as pessoas tomam conhecimento do passado e responde que é algo muito simples, conhecemos o passado pelas lembranças que nos contam, pelas nossas memórias, pelo que lemos, ouvimos e pelas nossas vivências. “O passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos” (1998, p. 64). Logo, o passado coexiste – e podemos dizer também que só existe – em função do presente que se orienta para pensá-lo através das memórias, tanto individuais como coletivas.

3 ORGANIZANDO UMA ATIVIDADE PEDAGÓGICA: EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA/RELATOS

Na tentativa de criar algo dinâmico para não ficar apenas na teoria, refletimos sobre muitas questões. A principal delas é que, para o ensino da História de Jaguarão, não há nas escolas públicas nenhum tipo de material de apoio didático-pedagógico. Logo, as professoras utilizam muitas vezes o hino da cidade, *sites* ou passeios pelos pontos tidos como principais para a constituição da História do local. Tendo esse fato em mente, minha orientadora e eu nos motivamos a propor uma atividade que envolvesse não somente a cidade com seus patrimônios, enquanto material por si só, mas também as lembranças que as habitantes tivessem nesses espaços. Lembranças estas que certamente não encontramos em sites nem em inventários de tombamento.

Durante os encontros para determinar qual seria o meu trabalho de conclusão da especialização, surgiu a partir da minha orientadora a ideia de realizar uma exposição

fotográfica junto a relatos. O uso de imagens no processo de Ensino de História serve para contribuir nas variadas formas de representação social e, conseqüentemente, suscitar e exercitar memórias. As redes sociais *Facebook* e *Whatsapp* foram aliadas na busca pelas pessoas que quisessem participar, emprestando fotografias antigas e significativas para aquelas que se dispuseram a emprestá-las.

Fiz uma postagem no *status* do *Whatsapp* e em grupos de classificados (de Jaguarão) no *Facebook*. Com uma escrita simples, pedi que junto da imagem fosse enviado um curto relato e expliquei que seriam usadas com crianças da Educação Básica. O resultado foi positivo. Muitas e muitas pessoas enviaram mensagens, houve quem enviasse cerca de 60 fotografias. Outro queria doar uma bolsa grande com fotos antigas que havia encontrado em coletas seletivas. Sobre essas fotos encontradas e guardadas, mesmo que não seja o foco da pesquisa, podemos refletir sobre muitas questões, dentre elas: Por que guardar fotografias encontradas no lixo e que nem suas eram? Por qual motivo o trabalhador que as encontrou acreditaria na utilidade delas e as retiraria do lixo? Qual é o significado que as fotografias antigas carregam?

Aos poucos, fui explicando que a proposta, nesse momento, era focar não somente nas imagens, mas também nas lembranças pessoais que elas traziam. Então, passei a receber imagens mais familiares, como fotos guardadas pela neta da Maria Cezarina Cardozo, popularmente conhecida como Dona Mocinha (nome famoso na cidade por ter estado, até a sua morte, à frente da Sociedade Recreativa Beneficente Estrela D'Alva), fotos de professoras na escola, de casamento, da inauguração da primeira máquina de lavar da cidade, de encontro de quilombolas, do campo etc. Foram vários dias em contato com essas pessoas. Foi preciso conversar, explicar, manter o contato direto. Trabalhar com pessoas e suas memórias não é algo objetivo e pragmático, é preciso paciência e compreensão das subjetividades carregadas por todos nós.

Em cerca de duas semanas, as fotos foram enviadas⁴. A maior parte delas recebi pela *internet*, mas houve outras que foram coletadas diretamente nas casas das pessoas. O que demorou mais foram os relatos, eram enviados pouco a pouco, inclusive um deles veio por áudio e precisou ser transcrito. A seguir, a imagem das fotos que estão no quadro com alguns

⁴ Aproveito para fazer um agradecimento às e aos participantes que emprestaram suas histórias e fotografias: Catarina Ângela de García Nunes, Diego Palmieri, Jane da Silveira Martins, Luana Dutra, Lucas Stahlecker, Marta Faria Madeira, Mariângela Coelho, Paulo Vaz de Paiva e Roseli Calvetti. E ao amigo José Darci Gonçalves pela disposição em buscar as impressões em Pelotas. Essa construção só foi possível porque houve esse contato e esse *carinho* em aceitar fazer parte dela. Muito obrigada!

dos relatos:



Figura 1 – Excerto das fotografias da exposição

Fonte: Registro de Kênya Jessyca Martins de Paiva de parte das fotos que estarão na exposição.

(continua)

ESPAÇO/ LOCAL ONDE A FOTOGRAFIA FOI FEITA	HABITANTE	LEMBRANÇA
Granja Silva – década de 1960.	Mariângela Coelho, 52 anos.	A primeira máquina de lavar roupa que veio para Jaguarão. Essa máquina foi doada para a cidade dos meninos pelo senhor Arnaldo Ferreira, dono da Granja Silva, na época, e, na foto, estão presentes várias autoridades locais e a senhora que está inaugurando a máquina de lavar é a minha mãe, Santa Ilma Duarte Coelho. Na época, meus pais eram responsáveis pela <i>cidade dos meninos</i> , que era um tipo de um orfanato que abrigava meninos de rua que tinha em Jaguarão, local para fora, antes de chegar as charqueadas. Lá, minha mãe trabalhava como cozinheira e meu pai como responsável. Lá foram criados vários meninos e essa entidade era mantida pela Igreja Episcopal.
Quilombo Madeira – 2019.	Marta Faria Madeira, 53 anos.	Nessa foto, eu estou falando, estou apresentando o quilombo, falando o porquê do nome Quilombo Madeira. Nesse dia, sete quilombos compareceram no 4º Encontro de Quilombos, que este ano foi realizado aqui, foi esse ano 2019.
Avenida 27 de janeiro – desfile de Carnaval – década de 1970.	Luana Dutra, 29 anos.	Essa foto é da década de 1970. Minha avó [Dona Mocinha] dizia que “era da época que as porta bandeira usavam mini blusa e saia” e “da época que a estrela tinha bandeira na cor preta”.

Fotografia de uma rua, feita pelo próprio morador – 2019.	Diego Palmieri, 31 anos.	Entre prédios históricos, sempre que possível, deixo minha presença. Encanto a muitos que me apreciam e deixo memórias marcadas na lembrança daqueles que pelas ruas andam no final das tardes. Entre brilhos e sombras, eu vou me despedindo para amanhã fazer um novo momento.
---	---------------------------------	--

(Conclusão)

ESPAÇO/ LOCAL ONDE A FOTOGRAFIA FOI FEITA	HABITANTE	LEMBRANÇA
Ruínas da Enfermaria Militar, antes do processo de restauro – década de 2000.	Lucas Stahlecker, 34 anos.	Esse recanto é um lugar especial da minha infância e adolescência, principalmente da segunda. Reuníamos os amigos e íamos tomar mate sentados nos buracos do que foram as janelas da Enfermaria Militar, construída em 1880. Lá, contamos muitas histórias, resolvemos conflitos, muitos começaram até mesmo seus primeiros romances lá, naquele espaço. Hoje, as ruínas da Enfermaria representam a lembrança de um passado que não pode mais ser visto por estes ângulos, desde que foi iniciado o seu processo de restauro, hoje paralisado. Janelas novas ocuparão os espaços onde construímos sonhos. As paredes e as ruínas seguirão eternas nas memórias daquele que amava Jaguarão e sua maior vista, lá no Cerro da Pólvora, antes mesmo de desbravar o mundo... Mas que voltou pra casa por amar esse lugar.
Escola IEEES – década de 1990.	Roseli Calvetti, 56 anos.	O Instituto Estadual de Educação Espírito Santo possuía o Curso Magistério. Na época, eram raras palestras, seminários, encontros para se discutir educação. Com essa intenção, criou-se o Seminário do Magistério para alunos e alunas do curso, sendo que também era dado um certificado de 40 horas, tão difícil para conseguir e tão necessário para todos e todas. Era uma semana de debates, reflexões, aprendizagens, troca de saberes, com a presença de diferentes palestrantes. A foto mostra o primeiro seminário, no Clube 24, com a equipe diretiva e professores do curso.
Meios de transportes nas ruas da cidade – entre 1940 e 1960.	Catarina Ângela de Garcia Nunes, 63 anos.	Separei estas fotos de meu acervo por julgá-las importantíssimas para a humanidade e para a população Jaguareense. Temos a evolução dos meios de transporte e como eles foram vivenciados em nossa cidade, marcando momentos históricos fortíssimos como o transporte ferroviário, propulsor da economia local por décadas, e os demais meios que acompanharam a evolução industrial e tecnológica mundial.
Igreja Matriz do Divino Espírito Santo – 1986.	Jane Da Silveira, 56 anos.	Lembrança de uma data histórica, 20 de setembro de 1986, meu casamento, um marco na minha vida. O início de uma união de família. Na igreja Matriz do Divino Espírito Santo.
27 de janeiro, desfile escolar – 1996.	Kênya Martins, 28 anos.	Dia de desfile. Estudava no pré-escolar do turno da manhã do Pio XII, escola com décadas de histórias na cidade, mas que a partir do ano que vem não estará mais em funcionamento. Foi mais uma vítima do sucateamento das escolas públicas do RS.

Quadro 1 – Excerto dos relatos da exposição

Fonte: Elaborado por Kênya Jessyca Martins de Paiva.

A partir do material recebido, fiz a separação e a análise o que resultou em dois relatos/fotografias por pessoa, somando dez participantes (contando comigo). Posteriormente, começou a procura por uma gráfica que tivesse um preço acessível unido à boa qualidade. O amigo e artista José Darci Gonçalves, que trabalha com pintura em quadros e reprodução em fotografias, natural de Arroio Grande, me auxiliou nessa parte. Foi em Pelotas/RS que as fotos foram impressas em papel *couché* e ampliadas para melhor manuseio e visão, no tamanho A4.

Escolhi um total de 20 fotografias. Como mostra o quadro, procurei contemplar imagens em diferentes lugares, que pudessem variar do meio urbano ao campesino, antigas e mais recentes, de pessoas desconhecidas, conhecidas e também do meu acervo familiar. Como visto, a prioridade esteve em trilhar – propositalmente – por um caminho mais eclético possível, pensando principalmente que assim ajudaria a oportunizar discussões sobre as permanências e as rupturas, sobre as identidades, sobre a cultura da cidade e região de forma mais amplificada.

Em relação aos relatos, eles foram colocados tal qual foram enviados, alguns deles sofreram mudanças gramaticais apenas, mas a proposta é justamente tentar ler a lembrança se colocando ao máximo no lugar da pessoa que a escreveu. Inclusive, essa era uma preocupação das pessoas na hora de enviar os relatos. Algumas estavam com receio de escrever algo *errado*. Foi preciso explicar que o intuito da exposição é estabelecer de maneira tranquila e o mais popular possível esse contato com as mais diversas experiências das pessoas na cidade, para que as crianças consigam perceber que todas as pessoas são produtoras de histórias e que os patrimônios só existem, enquanto tal, porque estão inseridos na memória e, por consequência, na cultura da população.

3.1 COMO TRABALHAR COM A EXPOSIÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

“Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão”.

(Paulina Chiziane)

A proposta a seguir tem como objetivo principal trazer uma possibilidade de trabalho pedagógico através da exposição explicada anteriormente. É importante ressaltar que a exposição, intitulada “Memórias em Jaguarão: O passado no presente” – constituída por fotos e lembranças de habitantes locais –, pode suscitar uma infinidade de abordagens diferentes. Logo a seguir, apresento o planejamento de uma oficina com duração de cerca de duas horas para as duas turmas de 5º ano.

Para trabalhar com as memórias fotográficas e relatos de pessoas coletados através de redes sociais, também será solicitado previamente que as crianças levem seus *objetos biográficos*, que são objetos que remetem às lembranças pessoais ou coletivas normalmente guardados pelas famílias, mais por evocar suas memórias do que pelo uso material que o objeto em si possa vir a ter. No livro *O Tempo vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*, Ecléa Bosi (2003) traz a seguinte definição:

São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (BOSI, 2003, p. 26).

Esses objetos por fazerem parte da nossa vida são aliados materiais da memória e, portanto, nos auxiliam a pensar e a contar a nossa História. Por isso, serão também utilizados como instrumento pedagógico a fim de que as crianças possam se identificar como partícipes e protagonistas da exposição, bem como estimular a capacidade de articulação delas com seu próprio passado. Em consonância a isso, os objetivos centrais da atividade são: analisar como se constrói a noção de patrimônio e o que é ou não considerado como tal; perceber quais são os sentidos que as pessoas dão sobre os lugares de memórias de Jaguarão; conhecer as histórias de vida da turma e assim, estabelecer conexões do passado no presente dela; e instigar a reflexão sobre a relação da História local com a regional e nacional.

Para facilitar a compreensão, a oficina foi dividida em cinco momentos:

- 1º Momento: Será feita uma espécie de avaliação diagnóstica para saber quais são os conhecimentos prévios da turma. Para auxiliar no processo serão trazidas questões como: *Já ouviram falar sobre Patrimônio? Quais são os lugares considerados como Patrimônios da nossa cidade? Por quais motivos vocês acreditam que esses lugares são instituídos como Patrimônios? O que esses locais têm a ver com a nossa História,*

enquanto habitante? Há algum lugar que vocês considerem como preferido e se sim, por qual motivo?

- 2º Momento: As crianças serão levadas para outra sala (ou dependendo do tempo, pode ser no pátio da escola). Lá, as imagens estarão dispostas num varal seguradas por prendedores coloridos. As crianças serão convidadas a circularem à vontade pela exposição.
- 3º Momento: A turma, juntamente com as professoras (aicineira [eu] e a titular da turma), sentará num círculo, será explicada o processo de organização da exposição e respondidas questões que certamente irão surgir. Em seguida, cada criança receberá um relato impresso. Cada uma será convidada a ler em voz alta o respectivo relato e, logo após, buscar qual é a imagem correspondente e colocá-lo ao lado da fotografia. Durante as apresentações, serão feitas considerações acerca desses relatos, bem como da importância da fotografia, das redes sociais e das memórias da população para nos possibilitar conhecer a cidade e seus espaços de memória sob outros olhares.
- 4º Momento: Após a atividade da exposição, as crianças apresentaram os objetos biográficos que trouxeram. Agora, serão elas as contadoras de Histórias, tal como as pessoas que realizaram os relatos das fotografias.
- 5º Momento: Para finalizar a atividade, a turma será dividida em grupos de quatro a cinco pessoas, receberão um papel pardo tamanho A3 e ali será escrito livremente as respostas para as seguintes questões: *A cidade pode nos ensinar História? Explique; O que o grupo achou mais interessante dos aprendizados da oficina?*

Após todos os grupos responderem, será realizada a apresentação para o grande grupo e tal momento servirá como uma orientação sobre as percepções deles em relação às atividades.

Como já foi dito, essa é uma proposta e dela podem derivar outras várias, adaptando ao contexto da turma e dos objetivos da proponente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho rendeu um contato produtivo com as pessoas de Jaguarão. Trabalhar com memórias me cativa e creio que também, de certa forma, foi algo interessante para essas pessoas que procuraram participar da exposição. A população tem muito a dizer sobre a

História da cidade. Muitas vezes, atentamo-nos tão somente ao que pesquisadoras e pesquisadores dizem nos arquivos de tombamento e em livros que falam dos espaços de maneira muito técnica e pouco humanizada. É evidente que se desperta a curiosidade em saber que tal lugar foi construído há 200 anos, que vieram materiais de outro país, que no Museu tal tem a primeira lâmpada do Estado. Mas, há também as vozes dos antepassados, dos que construíram esses locais, de quem o experimentou de outras formas, de quem abriga na lembrança momentos vividos dentro deles e que temos poucas oportunidades de ouvir, principalmente, na escola.

O planejamento de trabalho inicial previa não só a apresentação da possibilidade, mas concretização da oficina junto às crianças de uma escola da rede pública. Entretanto, por estarmos vivenciando a Pandemia de COVID 19, a atividade precisará ser adiada e ficará para outro momento. Para próximas oportunidades, gostaria de ampliar a oficina, transformando-a em um projeto, incorporando uma exposição fotográfica de álbuns das famílias das próprias crianças, caminhada histórica – cultural pela cidade, criação de fotografias registradas pelas crianças durante a caminhada, entrevistas em vídeo delas com familiares, produção textual das histórias, entre outras atividades.

Usar os patrimônios da cidade como recurso pedagógico potencializa o desenvolvimento do ensino de História, da sensibilidade, do olhar sobre a cidade, do pertencimento, da memória. Por consequência de tudo isso, também se estimula o senso crítico-reflexivo da juventude, já que ela estará produzindo sentido histórico-cultural sobre espaços que, por vezes, passam despercebidos. Estabelecer esse contato reforça aquele sentimento que a população parece ter vivido quando os artistas globais vieram filmar na Enfermaria, que podemos chamar de autoestima e orgulho, assim como proporciona a percepção da História em seu conjunto de temporalidades, ajudando a ver que Jaguarão e quem nela habita teve e tem suas contribuições com a História local, da região e do país.

Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. Objetos. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994. p. 441-442.

_____. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CERRI, Luís Fernando. *Ensino de História e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GALEANO, Eduardo. *Os filhos dos dias*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo*. Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

LAGROU, Pierre. *A História do Tempo Presente na Europa depois de 1945*. Como se constituiu e se desenvolveu um novo campo disciplinar. Revista Eletrônica Boletim do Tempo, Rio de Janeiro, ano 4, n. 15, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LORIGA, Sabrina. *O eu do historiador. História da historiografia*. Revista História e Historiografia, Ouro Preto, n. 10, p. 247-259, dez. 2012.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 17, p. 63-180, nov. 1998.

NADAI, Elza. *O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/ 26, p. 143-162, set. 1992/ ago. 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Tradução Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença, Livraria Martins Fontes, 1976.

RIOUX, Jean-Pierre. *Pode-se fazer uma história do presente?* In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009.